



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 67 - NÚMERO 607 - SETEMBRO de 2006

CERJ
Boletim

IMPRESSO

VALE DO FREY

*Manu e Ester na caminhada
ao Cerro Campanille
(foto: Jana Menezes)*

**E MAIS:
ALPES SUIÇOS**



EXPEDIENTE 2006

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

1 - Gustavo Moulin

2 - Rafael Villaça

Diretora Social

Paula Garcia (*in memoriam*)

Claudia Frias

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação

Sílvia Noronha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

Auxiliar de Divulgação

Miriam Gerber

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboletti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

SETE DÉCADAS DE MONTANHISMO

É muito bom ver um veterano fazer 80 anos e saber que goza de boa saúde. Falar de Reinaldo Behnken é falar da própria história do CERJ, tendo em vista a sua intensa participação na manutenção das práticas do montanhismo em nosso clube. São quase sete décadas de amor ao montanhismo, com o envolvimento na conquista de várias vias.

No dia 26 de agosto de 2006, data do aniversário de Behnken, a diretoria do CERJ participou da animada comemoração daquela data. A Cleide, sua esposa, está de parabéns por nossa recepção e a dos demais convidados.

Domingo, 3 de setembro, tivemos um dia muito especial, no qual foi realizado o churrasco comemorativo ao aniversário dele e também cantamos os parabéns para a nossa amiga Iara, que aniversariou nessa data e levou um delicioso bolo para repartir com os amigos.

O CERJ homenageou o Behnken com uma placa (produção do Wal) com fotos menores antigas e uma atual no meio, mostrando as suas várias fases de atividade no montanhismo. Essa atividade contou com a participação de quase 60 pessoas, dentre elas o próprio Behnken, esposa e familiares, bem como um bom número de cerjenses, e um grupo do CEG e do CEC encabeçado pelo Bernardo.

O CERJ agradece a presença de todos e parabeniza o esforço e a dedicação de sua diretoria pelo sucesso do evento.

José Carlos Muniz

Presidente CERJ



Behnken e Carró mostram o quadro com fotos de várias fases de Behnken no montanhismo (foto: Gustavo Carró)

ESCALADA NO CANTAGALO DE PETRÓPOLIS

Na quinta-feira, 17 de agosto, já com a chuva ameaçando nosso fim de semana, o Sergio Bula (CEC) propôs uma unibundagem para o dia seguinte, e eu topei na hora. Fomos para "Impermanência de todas as formas", no Cantagalo Oeste de Petrópolis, uma via de cerca de 300 metros em sete enfiadas, graduação geral 5° VIIa, com uma ou duas passadas de aderência em artificial.

A via é bem protegida, apenas possui uns bicos de pedra e umas lacas quase soltas que, vez por outra, nos lembravam que ali era melhor não cair, nem o guia (o Bula) nem o participante. O nome da via é um princípio budista; e associei a esta impermanência de todas as coisas, agarras, lacas e tudo o mais. Mas a maior parte da via tem agarras muito boas, num estilo que exige mais equilíbrio e um tanto de alongamento também. Em resumo: como uma dança! Dois trechos lembram o dorso de um dinossauro, com aquelas cracas por cima do lombo do bicho. Lindo!

Observação importante: a via não faz cume. O último grampo fica ainda a alguns metros do início de um costão de complicada desescalada.

Na hora de rapelar, procurem usar o máximo possível os grampos de 1/2" presentes nas paradas duplas, pois rapelar dos grampos de 3/8" é trabalhoso, dificilmente cabe uma corda de 10mm e um mosquetão. O último rapel pode ser feito em diagonal até o alto do "morreco" próximo à via, fugindo das chapeletas iniciais.

À esquerda da Impermanência fica a base da via "Oliver Ochs", em aderência, um pouco mais puxada, começando no alto do "morreco". No Cantagalo maior, a galera do CEP acaba de conquistar "A soma de todos os medos", com imponentes 810 metros.

Sílvia Noronha



Em primeiro plano, o Cantagalo Oeste; ao fundo, o Cantagalo maior (foto: Waldyr Neto)

Abaixo, as dicas do Waldyr, do CEP, sobre como chegar na Impermanência.

- 1) Vindo do Rio, siga até Itaipava pela BR-040.
- 2) Em Itaipava, na altura do mercado Bramil e do Posto BR com um Bob's, pegue a rodovia que vai para Teresópolis.
- 3) Um pouco antes da subida da serrinha, entre na estrada do Cuiabá, à esquerda.
- 4) Seguindo pela estrada do Cuiabá, fique atento a uma placa à direita indicando Cantagalo. Entre nesta estradinha, a suba até chegar num vale com vista para as montanhas.
- 5) Chegando nesta parte alta do vale, a montanha alongada à direita é o Cantagalo Oeste, e o pico ao fundo, lembrando Pico Maior de Friburgo, é o Cantagalo.
- 6) Subindo a estradinha você passa ao lado de um pasto, à direita, com um obvio acesso à parede do Cantagalo Oeste. Entre na primeira rua à direita depois deste pasto e deixe o carro logo no início.
- 7) Volte, suba este pasto até o morrote (ou cone), que dá acesso à parede central mais limpa. No topo do morrote começa a via Oliver Ochs, em aderência e com grampos de 1/2" em inox. Mas não precisa ir até o topo. Siga mais pra direita e passe uma valeta (com desmoronamento de pedra), chegando no morrote ao lado. Os grampos da "Impermanência" estão nesse morrote, um pouco à direita da canaleta.
- 8) Tem uma enfiada que precisa de 13 costuras e é bom levar algumas longas. (Waldyr Neto)

SEIO DA MULHER DE PEDRA

Pois bem, quando você acha que às 10 horas da noite seu destino já está traçado: CABRUMMM!! As previsões rapidamente se tornam imprevistas e tudo o que podemos fazer é dar vazão à curiosidade e à vontade de descobrir qual é: surge, então, uma possibilidade de sucesso!

Bom, foi assim que conseguimos “tocar” o Seio da Mulher de Pedra, em Terê. Digo tocar porque toda mulher fica meio furiosa quando fazemos isso sem a sua autorização, principalmente uma mulher de pedra. Uma coisa é certa: o seio é grande, mas não é siliconado, é natural e durinho!

Chegamos no posto Garrafão e tudo estava aberto... de lá fomos para a base da caminhada, iniciamos a trilha – que é linda por sinal e cheia de flores –, mas logo em seguida, percebemos que alguns participantes estavam meio lentos... Miriam, Gerardo, Marcelo (do Light), Cida e eu, apertamos o passo (com o consentimento do guia Ezequiel), pois parecia que viria chuva do horizonte. Quando alcançamos o topo só deu tempo de tirar umas fotos, assinar livro de cume, comer um bagulho rapidinho, vestir o anorak e capa de mochila e cair fora!!

Fomos, literalmente, varridos do bico do seio desta linda mulher por uma tempestade mais de vento que de chuva que, rapidamente, deixou nossas mãos com a sensação de “quase-congelamento”. Mas foi só sairmos da crista que a situação amainou, abrindo um sol bem gostoso.



Acima, o Seio; e abaixo Miriam e Constantino no cume, com o visual dos 3 Picos e do Capacete (fotos: Gerard)



Bom, considero esta excursão como um retorno meu às montanhas, porque foi muito gostoso sentir o frio da serra quando saímos do carro no posto Garrafão, o gelo da água, estar cercado de mato, com amigos que eu gosto!!! Também foi muito alucinante ver os 3 Picos, o Capacete, os Cabritos, o PNSO e outras montanhas por outro ângulo, mas, principalmente, a sensação de subir um cume... seja como for! Foi só uma beliscadinha!

Constantino Lucena Barreto

Data	Atividade	Tipo	Responsável
02 de setembro	Lindaura Pereira	Escalada 3° III sup	Zé
02 de setembro	Unicec	Escalada 3° III sup	Puppim/Mollica
03 de setembro	Morro da Cocanha	Caminhada leve	Muniz
03 de setembro	Estranho no Ninho	Escalada 5° VIIa	Júlio
03 de setembro	P3	Escalada 3° V	Mollica
03 de setembro	Churrasco homenagem Reinaldo Behnken	Programação Social	Claudinha
09 de setembro	Torres de Bonsucesso	Caminhada semi-pesada	Muniz/André Paz
09 de setembro	Agulha Guarischi	Escalada 3°	Arnaldo
16 de setembro	Travessia Terê Petro	Caminhada pesada com acampamento	Miriam Bamo Gerber
17 de setembro	Invasão Prainha	Caminhada leve e escaladas de 2° a 5°	vários
23 de setembro	Sudoeste do Alto Mourão	Escalada 4° V	Arnaldo
23 de setembro	Escalavrado	Caminhada semi-pesada	Zé
23 de setembro	Dedo da Nossa Senhora	Caminhada semi-pesada	Puppim
24 de setembro	Jorge de Castro, variante São Conrado	Escalada 4°	Mollica
24 de setembro	Serrilha do Papagaio	Caminhada leve superior	Carrozzino
30 de setembro	Emil Mesquita	Escalada 2° III	Zé
30 de setembro	Bohemia Gelada	Escalada 3°	Puppim
30 de setembro	Chaminé Stop	Escalada 3° III sup	Mollica
1° de outubro	Lagartinho (base da Stop)	Mutirão de reflorestamento	Savio

Exposição fotográfica

Para os meses de setembro e outubro de 2006, o nosso veterano sócio-fotógrafo **SOBRAL PINTO**, montanhista e “ex-lagartixa”, nos brindará com outra excursão muito apreciada na década de 60: os **PAREDÕES ANTENA**.

Sua localização é no contra-forte da Pedra da Gávea, ou seja, no Pico dos Quatro, alcançado, de preferência, por São Contado. É uma caminhada até o seu cume. Esta via é uma “desescalada”, cuja peculiaridade é: fazendo-se o primeiro rapel, não existe nenhuma possibilidade de retornar ao seu cume, pois as desescaladas são feitas em rapel. São cinco paredões: um com 10 metros; dois com 30 metros (um deles em negativo); um com 50 metros; e o último com 90 metros de extensão.

É necessário levar corda com mais de 100 metros de comprimento para poder realizar todos os rapéis, principalmente o último. Após esse último rapel é só caminhar até São Conrado.

Essa desescalada foi conquistada nas datas de 8 e 9 de janeiro de 1950. Seus autores, sócios do CEB, foram: Antonio Augusto Taveira, Francisco de Franco e Manoel de Paula Caneca.

É uma desescalada ideal para quem gosta

de rapelar, só que tem de levar bastante corda... Para fazer esta via é aconselhável dormir na véspera numa gruta que existe no topo do Pico dos Quatro, confortavelmente em cima das rochas. De manhã é só tomar um café reforçado e começar a rapelar.

Ops: falha nossa!

Por desatenção, erramos a legenda da foto ao lado que saiu no último boletim. A esq. é o Alexandre Portela e não o Tartari.



Super festa brega

Cerjenses de brega na festa que rolou no dia 05/08, em Santa Tereza. Cerca de 250 montanhistas bregas! Show!!!



Aniversariantes

Setembro			
03	IARA ANNIBOLETE	17	LORENA DE ALMEIDA
10	CARLOS RUSSO SERGIO MURILO	20	CLÁUDIO LEUZINGER
13	ETZEL VON STOCKERT	21	LUIZ ANTONIO PUPPIN
14	GIUSEPPE PELLEGRINI JOSÉ BEZERRA GARRIDO	23	VERA LUCIA DE ALMEIDA
15	HAROLDO SPRENGER	26	CRISTIANO REQUIÃO
		27	MARILENE DA SILVA JÚLIO CÉSAR MELLO
		30	JOFFRE TELLES DE ALMEIDA

um terceiro holandês veio me pedir para também ser fotografado comigo. É, ser o único negro no meio de quase uma centena de montanhistas na maioria lourinhos, chama a atenção por aqui! Também me livreii da mochila, do calçado de montanha e até de alguma roupa e fiquei à vontade. Pouco antes das 19h, nos sentamos à mesa para jantar: uma deliciosa sopa, uma salada com verduras e legumes e uma suculenta macarronada ao sugo, tudo regado a um bom vinho tinto suíço oferecido pelo Ernest para brindar meu aniversário. O abrigo estava lotado. Lá pelas 22h00 nos recolhemos ao dormitório. No cômodo que ocupamos havia espaço para oito montanhistas, mas além do nosso grupo só tinha mais dois.

Cabane du Trient, Martigny e Clarens, sábado 08 de julho de 2006. As instalações da cabana são impecáveis, você não precisa levar nada, e dorme-se muito bem com todo conforto desejável para uma cabana de montanha. Nossa alvorada se deu 5h e chegando ao refeitório tinha uma mesa posta, reservada para cada grupo. Na noite anterior, antes de nos recolhemos, nos foi perguntado o que tomaríamos no café da manhã, e sem demora nosso pedido foi servido e logo estávamos devidamente alimentados para iniciar este novo e maravilhoso dia que se anuncia glorioso.

Depois do café nos preparamos para a jornada, vestimos os baudriers, calçamos nossas botas, agasalhos, luvas e pegamos nossos sticks, deixando a cabana semi-equipados; só falta nos encordoar, o que faremos mais abaixo quando entrarmos na neve. O céu estava completamente azul, bela manhã. Finalmente às 6h partimos rumo a Aiguille du Tour, nosso objetivo maior. Saindo da cabana temos que descer cerca de 60 m de um paredão rochoso até atingir a imensidão de neve que teremos que vencer para chegar ao nosso objetivo.

Chegando na neve nos afastamos um pouco da parede e à beira do caminho tratamos de nos encordoar, eram 6h20 e 6h30 retomamos a caminhada na neve, agora, encordoados e portando um stick numa das mãos e o piolet na outra; não foi

necessário o uso dos crampons, mas cada um tinha o seu par na mochila.

Não fomos os primeiros a deixar a cabana, e assim sendo, já temos na nossa vanguarda vários grupos bem adiantados em suas caminhadas, alguns vão para o mesmo cume que nós, enquanto outros seguem para diferentes montanhas da região. Mas pelo visto a Aiguille de Tour é uma das mais freqüentadas daqui, pois temos outros grupos vindo de outras cabanas das proximidades com o mesmo objetivo que nós.

Fizemos pequena pausa pouco antes de iniciar a subida para a base da Aiguille de Tour. Retomando nossa caminhada começamos a subir em direção à referida base e lá chegando constatamos que a subida pela via normal estava engarrafada e nos tomaria um precioso tempo. Examinando melhor o local nosso guia optou por seguir uma centena de metros adiante para subirmos por um corredor nevado, atingindo o rochedo a uns 40m acima da base da via normal. Atingimos o cume a 3.540 m às 8h45 sem atropelos e sem concorrência de outros grupos. Alguns grupos já estavam descendo, mas mesmo assim o cume ainda estava lotado. Depois de apreciar a paisagem e tirar algumas fotos, às 9h iniciamos nossa descida, abrindo espaço para outras cordadas que estavam a caminho.

Para a descida utilizamos o caminho usual e na base do rochedo, logo atingimos a trilha que continua concorrida e retomando a caminhada pela geleira, passamos ao largo da cabana de Trient e às 11h05 saímos da neve. Paramos para desencordoar e desequipar e retomamos a caminhada, chegando de volta à cabana D'Orny, onde bebemos uma cerveja antes de partirmos para o trecho final de retorno. Chegamos a La Broya, 2.198 m, às 14h, e no estacionamento às 14h30m, encerrando assim esta memorável jornada ao cume da Aiguille de Tour. O último grampo foi um churrasco na casa da minha cunhada Danielle.

José de Oliveira Barros

O CERJ NOS ALPES SUÍÇOS



Zé e o visual a caminho da Aguille de Tour; foto menor: cume (3.540m) com os companheiros

Clarens, Martigny, Champex e Cabane de Triant, sexta-feira, 07 de julho de 2006. Dia dos meus 60 anos, partimos de Clarens (bairro de Montreux) e 11h30 já estávamos em Martigny, na casa da Danielle, onde almoçamos à espera do Jean-Michel. A realização da excursão chegou a ser ameaçada por causa das condições atmosféricas da véspera e desta manhã, mas, felizmente, nosso guia, apostando nas previsões de tempo bom, confirmou a jornada. Pouco antes da hora marcada o Jean-Michel chegou acompanhado da sua companheira Josiane e do amigo Ernest, este último de 79 anos, éta povo bom de marcha! Depois dos últimos acertos, pegar os sticks, um par de óculos de montanha, os crampons e o piolet, partimos de Martigny e, às 14h30, estacionamos em Champex; embarcamos cada um com sua respectiva mochila em sucessivas gôndolas da instalação de télésiège que nos levou para a estação superior.

Finalmente iniciamos a nossa jornada

a partir de La Brea, 2.198m de altitude, para uma caminhada de 6,2 km e 972 m de desnível até a Cabane du Triant, onde dormiremos esta noite para pela manhã caminhar mais 3,7 km até o cume da Aguille de Tour. No caminho para nosso objetivo, ultrapassamos um grupo de adolescentes holandeses que também subiam para a mesma cabana que nós. Antes de entrar na Cabane D'Orny, a 2.831 m, onde fizemos uma pausa com 8°C de temperatura no exterior da mesma, parada para café; e fiz umas fotos com dois dos adolescentes holandeses.

Prosseguindo nossa subida e o tempo, que estava meio encoberto desde o início da empreitada, tornou-se mais pesado e chegou até a nos brindar com uma precipitação de um pouco de gelo bem fininho que nos obrigou a vestir um agasalho. A chuvinha gelada parou antes de chegarmos na Cabane du Triant do CAS section Diablerets, 3.170 m. Enquanto os meus companheiros já se punham à vontade em seu interior,

SONHO E FILMAGEM NA TRAVESSIA PETRÔ-TERÊ

A Travessia Petrópolis - Teresópolis sempre foi uma espécie de mito para mim. Sempre ouvia as estórias de meu pai (Carlos Carrozzino), e pensava em fazê-la. A primeira oportunidade foi na Páscoa deste ano. Guiados pelo casal Bamo-Bamo, promovemos mais uma prancheta conjunta do CEM com o CERJ.

Desta vez a idéia partiu diretamente do CEM, mas nosso diretor Técnico anunciara uma novidade: o programa "Mais Ação" da Rede Minas iria cobrir. Era uma excelente oportunidade de divulgação para o CEM, e embarquei nessa de cabeça. Depois de muito marca-desmarca, o barco estava fechado: do CEM fomos Evandro, Murilo, Fox e eu. Da Rede Minas foram Cíntia (produtora), Cláudio (motorista), Juliana (apresentadora) e Zé (câmera e sherpa). Integrou ainda a nossa jornada o Cassiano, morador de Teresópolis e amigo de nosso vice-presidente, Eustáquio.

A expectativa era grande, pois iria guiar uma travessia que havia feito apenas uma vez, mas com o Cassiano na equipe me senti com "segurança de cima". Partimos de BH na quinta-feira e encontramos com o povo da Rede Minas no Albergue de Terê, onde passamos a noite. Na sexta cedinho, rumamos à entrada do PNSO, onde uma van nos aguardava para nos levar ao Bonfim.

Já no início da caminhada, senti como que nossa logística para as filmagens iria nos atrasar: caminha, filma, volta, grava de novo, perai... o Zé corria na frente pra filmar a gente chegando, voltava pra filmar a gente saindo... nesse vai-e-vem, ele fez uns 30% a mais da travessia. Mas havíamos nos programado para três dias, então tínhamos bastante folga em nosso tempo.

O primeiro dia passou devagar e em silêncio, afinal até o Açu é um toca pra cima que não tem fim. Chegamos nos Castelos do Açu a tempo de armarmos nossas barracas com calma e curtir um lindo pôr de sol. A noite foi fria e com muito vento, mas o dia

seguinte prometia. Acordei cedo e a lua fingia-se de holofote. Empacotado, subi a cabeça do peixe dos Castelos e fui curtir o mais lindo alvorecer de minha vida. Neste momento, consegui falar com o Wal, que rumava com meus amigos do CERJ rumo a Terê para fazer a travessia em um dia, no sentido inverso ao nosso.

Quando chegamos no morro da Luva, paramos para filmar a deslumbrante cadeia de montanhas do PNSO, e poucos minutos depois, com a ajuda de um binóculo, pude avistar a testa do Wal e o inconfundível black power albino do Zé. Mais ao lado, percebi um outro grupo. Olhei e avistei outra careca, mais familiar: meu padrinho, o Claudinho, junto com Pelle. Nosso Zé preparou os equipamentos e começou a filmar a maravilhosa confraternização entre o CEM e o CERJ. Mais uma pra história.

Mas ambos os grupos não podiam demorar, pois tínhamos muito caminho pela frente. Tocamos adiante e cortamos um caminho, evitando o Elevador. Não paramos muito, pois já tardava e queríamos chegar no Sino antes das 17h. Chegamos ao Sino às 16h30. Fomos ao cume, fizemos umas filmagens e tocamos pra baixo para acampar. Essa noite parece ter sido mais fria, pois segundo o Evandro tinha gelo na grama.

Acordamos cedo e sem muitas milongas, tomamos nosso café, arrumamos nossas coisas e toca pra baixo. Chegamos na barragem às 12h30 e nos dividimos: a equipe da Rede Minas foi entrevistar a diretora do parque e nós, como bons CEMenses, paramos no primeiro bar e tomamos umas cervejas, afinal de contas já fazia três dias que não bebíamos deste néctar.

Estávamos exaustos, mas leves e com a alma lavada nas montanhas gigantes da Serra dos Órgãos.

Gustavo Carrozzino (Xavi)

CÓRDOBA E BARILOCHE

A viagem a Córdoba e Bariloche (Montanhas Frey) não estava nos meus planos, pois tive notícia dela logo assim que cheguei dos Estados Unidos. A Manuela Dantas foi quem me falou, no clube, na mesma quinta-feira que eu havia chegado de viagem, que ela e a Ester Binsztok estavam indo para a Argentina em janeiro. Ainda sob o embalo da viagem aos EUA, comecei a pensar na possibilidade de ir também.

Faz conta daqui e dali e vi que não teria dinheiro pra pagar a passagem, então falei com a Ester que não poderia ir. Qual não foi minha surpresa quando ela disse que há muito tempo estava querendo me dar de presente uma viagem. Tentei não aceitar, mas ela insistiu e aí lá fomos nós.

O objetivo era chegar em Córdoba e ir para as montanhas Los Gigantes para caminhar e escalar. E assim fizemos, só que pudemos caminhar apenas no dia que chegamos porque depois foi chuva durante dois dias seguidos e então resolvemos voltar e preparar a ida a Bariloche.

Na ida a Córdoba, a Manu foi de avião, mas a Ester e eu fomos de ônibus. Cansativa mas interessante porque pude

observar a paisagem que é bem diferente do que temos aqui no Rio. Para Bariloche, nós três fomos de ônibus.

Até chegar perto de Bariloche, o visual é só de planícies mas, de repente, tipo após uma curva, a gente se vê diante das montanhas com os cumes cobertos de neve; e à medida que se vai chegando perto de Bariloche, elas vão aumentando e ficando cada vez mais lindas.

Após dois dias por lá, seguimos (de ônibus com mochilas e tudo) para o Frey. O ponto final do ônibus é num vilarejo um pouco antes da entrada do parque Nahuel Huapi, onde estão as montanhas e o abrigo Frey e onde não entra nenhum tipo de veículo. Parte das mochilas seguiram em cavalo; o resto cada uma de nós levou um tanto.

Como normalmente acontece, a maior parte da subida eu fiz sozinha, porque as duas partiram pra cima que nem cabritas e se eu tentasse acompanhá-las não ia conseguir chegar nem na metade. E não foi ruim não, porque fui apreciando as agulhas do complexo do Cerro Cathedral.

Chegamos primeiro que o cavalo, que

Ester atravessando o trecho de gelo para alcançar a base do Cerro Campanille (foto: Manu)



Ester (à esqu.), Jana e Manu com o Vale do Frey ao fundo. Melhor época para ir: jan. / fev.

só apareceu no dia seguinte e por causa disso, tivemos que comer e dormir de favor no abrigo. Valeu pelo macarrão maravilhoso que nos serviram depois de muito tempo de fome, mas a noite foi horrível pelo frio e desconforto. No dia seguinte à tarde as mochilas chegaram e então armamos o acampamento.

O objetivo era fazer caminhadas pelas agulhas principais e uma travessia de um vale a outro, onde existe um outro abrigo, mas como nevou muito, desistimos e ficamos caminhando pelo vale do Frey, e novamente me vi caminhado sozinha, descobrindo a trilha e marcando pontos com totens pra não me perder, e logo depois chegava onde elas estavam me esperando.

A idéia era dar um tempo e se a neve diminuísse, a Ester e a Manu iriam fazer a travessia e eu voltaria para Bariloche a esperar por elas. Como a comida acabou, elas resolveram descer comigo para comprar

comida e deixar no albergue o equipamento que não iriam precisar.

A subida foi bem cansativa, mas a descida... que horror!!! Mesmo me apoiando nos bastões, a sensação que eu tinha era de que a mochila ia me jogar trilha abaixo que nem uma bola, mas nessas horas de aperto, sempre busco minhas reservas de energia e técnicas de Tai-Chi e consigo vencer o sofrimento de modo a chegar com segurança no ponto final.

Essa descida também não foi boa para Manu, porque numa pisada em falso ela torceu o pé e a gente ainda tinha muito que caminhar até chegar na cidade. Apesar da dor, ela se superou e caminhou muito bem, mas não pode fazer mais nada até o dia da nossa volta ao Brasil. A Ester fez a travessia e disse que é muito bonita e vale a pena ir lá.

Jana Meneses